

AS AMAZONAS NA ANTIGUIDADE E NAS NARRATIVAS DE DESCOBRIMENTO DO RIO AMAZONAS

THE AMAZONS IN ANTIQUITY AND IN NARRATIVES OF THE DISCOVERY OF THE AMAZON RIVER

Duane Moraes Araújo¹

Orientadora: Maria Ozana Lima de Arruda²

RESUMO: A presente pesquisa visa analisar versões da mitologia das amazonas na Antiguidade e em crônicas escritas por exploradores do rio que mais tarde ficou conhecido como Amazonas. Desse modo, a pesquisa tem como objetivo principal identificar semelhanças entre a narrativa da expedição de Francisco de Orellana, descrita na obra *Descobrimento do rio das Amazonas* com as obras da antiguidade. Essa discussão também é produto de uma pesquisa bibliográfica fundamentada em leitura de artigos publicados, livros que abordam a temática e dissertações em que, cada versão dos autores é uma garantia da essência dessa mitologia. Ademais, a pesquisa subdivide-se em três divisões. A primeira é dedicada a um estudo sobre as amazonas, tendo como fundamentação as obras de André Thévet (1979) e Matos (1998), dentre outros. A segunda parte é dedicada à apresentação das amazonas nas *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes (RODRIGUES JR, 2021). Na terceira parte, apresentamos as amazonas na narrativa dos cronistas da expedição de Francisco de Orellana, na qual são descritas como uma tribo de mulheres guerreiras descobertas pelos espanhóis que foram fundamentais para a nomeação do maior rio do mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Amazonas. Mulheres Guerreiras. Argonáuticas. Francisco de Orellana.

ABSTRACT: This research aims to analyze versions of the mythology of the Amazons in antiquity and in chronicles written by explorers of the river that later became known as the Amazonas. Thus, the main objective of the research is to identify similarities between the narrative of Francisco de Orellana's expedition, described in the work *Descobrimento do rio das Amazonas*, with the works of antiquity. This discussion is also the product of a bibliographical research based on reading published articles, books that address the theme and dissertations in which each version of the authors is a guarantee of the essence of this mythology. Furthermore, the research is subdivided into three divisions. The first one is dedicated to a study of the amazons, based on the works of André Thévet (1979) and Matos (1998), among others. The second part is dedicated to the presentation of the Amazons in the *Argonautica* by Apolônio de Rhodes (RODRIGUES JR, 2021). In the third part, we present the Amazons in the narrative of the chroniclers of Francisco de Orellana's expedition, in which they are described as a tribe of warrior women discovered by the Spanish who were fundamental for naming the largest river in the world.

KEYWORDS: Amazonas. Women warriors. *Argonautica*. Francisco de Orellana.

¹ Acadêmica do Curso de Letras – Língua Portuguesa no Centro de Estudos Superiores de Tefê (CEST) na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: dma.let18@uea.edu.br.

² Doutora em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP). Professora de Língua e Literatura Latina no Centro de Estudos Superiores de Tefê (CEST) na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: mlarruda@uea.edu.br

INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada “As Amazonas na antiguidade e nas narrativas de descobrimento do Rio Amazonas” faz uma abordagem referente à mitologia das amazonas, narrativas que permeiam diversas culturas ao longo dos séculos. Segundo a mitologia greco-romana, elas eram consideradas mulheres guerreiras que habitavam em um território próximo ao Mar Negro e que foram treinadas para manusear arco e flecha. Além de serem descendentes do deus da guerra Ares, as amazonas nada mais são do que uma tentativa antiga de responder à perguntas sobre a origem de mundos, fenômenos, lugares e do próprio homem.

O tema proposto surgiu a partir da necessidade de desvendar e obter respostas mais amplas sobre a relação das amazonas na Antiguidade, e as narrativas do descobrimento do maior estado do Brasil e um dos maiores rios do mundo, que também, sobretudo no período na Colonização, está envolto em narrativas lendárias, pois apresenta a sua ascendência em um mito antigo que veio pairar em terras brasileiras.

Este artigo buscou responder o problema da pesquisa que teve como objetivo geral: Identificar semelhanças entre a narrativa da expedição de Francisco de Orellana, descrita em *Descobrimto do rio das Amazonas* que reúne crônicas de Carvajal, Rojas e Acuña (1941), e algumas obras da Antiguidade. Os objetivos específicos tracejados e agregados ao tema e que nortearam toda a investigação foram: Investigar obras que tratam do descobrimento do Rio das Amazonas; Analisar obras da antiguidade que tratam do tema, tais como as *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes e a *Eneida* de Virgílio; Identificar as semelhanças entre as narrativas greco-romanas e a caracterização feita por Frei Gaspar de Carvajal, Alonso de Rojas e Cristobal de Acuña.

Em virtude disto, almejamos trabalhar com este objeto de estudo por se tratar de um tema relevante para a literatura, visto que a narrativa envolve a nomeação do Rio Amazonas, que se deu devido a um encontro que teria ocorrido entre a expedição de Francisco Orellana com uma tribo de mulheres guerreiras, que foram associadas às amazonas, o majestoso rio foi chamado como Rio das Amazonas. Assim como pelo fato de a história de mulheres guerreiras serem conhecidas em diversificadas culturas como símbolo de resistência feminina, criadas desde a infância para guerrear com arco e flecha.

O referencial teórico embasou-se em Matos (1998), Caldas (2019), Beauvoir (1980) e Thévet (1979), dentre outros. Com isso, através do embasamento teórico foi possível adentrar no universo das amazonas e conhecer a sua influência na história. Esta é uma

proposta de investigação de cariz científico com base epistemológica na literatura, nomeadamente que as bibliografias tendem a apresentar argumentos, os quais são de fundamental importância para a construção da pesquisa em questão, além de permitir diversificadas visões em relação à pesquisa, o que permitiram um aprofundamento mais amplo em relação ao que estava sendo investigado.

Portanto, no primeiro momento ocorreu o levantamento bibliográfico, o qual, permitiu realizar a caracterização das Amazonas para facilitar a análise, sendo fundamental a realização da leitura em obras já publicadas, além de realizar a categorização dos dados e informações que abordaram a temática, principalmente obras da antiguidade que descreviam com precisão ou até mesmo que fizessem menção às amazonas, destacando e até mesmo diferenciando o mítico e o real que cada obra apresentava.

Para aprofundamento da pesquisa, na segunda etapa foram escolhidas as obras *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes e a *Eneida* de Virgílio que se revelaram bons exemplos de apresentação das amazonas e sua representação na sociedade. Em seguida, foi realizada a investigação de obras que tratavam do descobrimento do Rio das Amazonas, considerando que os espanhóis deram este nome ao rio nos relatos históricos da expedição de Francisco de Orellana conforme narrado por Frei Gaspar de Carvajal, Alonso de Rojas e Cristóbal de Acuña. Por fim, realizou-se a comparação entre as narrativas baseando-se na fundamentação teórica e em dados colhidos nas fases anteriores da pesquisa.

Em suma, o presente artigo está dividido em três seções, além desta Introdução e das Considerações finais: na primeira apresentamos um breve estudo sobre as amazonas, na segunda seção, investigamos estas personagens nas *Argonáuticas* de Apolônio Rodes e na terceira seção, investigamos as discussões em torno da tribo de guerreiras nos relatos dos cronistas que figuram no *Descobrimento do Rio das Amazonas*, cotejando-as com as *Argonáuticas*.

1 AS AMAZONAS

A etimologia do termo *amazona* não representa uma unanimidade, como aborda Thévet (1979, p. 206-7):

Há diversas opiniões acerca da origem do nome das amazonas. A mais comum é a que atribui esta denominação ao fato de que essas guerreiras queimavam seus seios na juventude, assim o fazendo para se tornarem mais destros nos combates. [...] Já outros dão a etimologia da palavra como sendo constituída da partícula a, negativa, e de maza, que significa “pão”, pois elas não comiam pão, e sim outros alimentos. Esta hipótese não é menos absurda que a precedente, pois nesse caso diversos povos

da época das amazonas deveriam ter esta mesma denominação, visto que também não comiam pão. [...] Há ainda os que dão a palavra como proveniente de *a* (negação) e *mazos*, o que lhe daria a seguinte significação: “aquelas que não se nutrem do leite dos peitos”. Esta explicação, defendida por Filostrato, é mais aceitável. Também o é uma outra que dá a palavra como derivada do nome ou de uma ninfa chamada Amazônida, ou de uma certa Amazona que teria sido rainha de Éfeso e sacerdotisa de Diana. Considero estas últimas hipóteses mais razoáveis que a da cauterização dos seios.

Sendo apreciadas por diversas culturas e com diferentes hipóteses sobre a sua forma de vivência, essas guerreiras eram treinadas desde a infância com arco para fazer guerra ou até mesmo se protegerem, sendo esta a sua arma de treino. Nesse sentido, é muito significativa a apresentação da personagem Camila, presente na epopeia latina *Eneida*, escrita no séc. I a. C. por Virgílio (*Publius Virgilius Maro*, 70-19 a. C), dividida em 12 cantos em um total de 9826 versos.

Na obra supracitada, precisamente no final do canto VII ocorre a primeira aparição de Camila (*En.* 7.803-7), retratada como a mulher guerreira de maior relevância na *Eneida*. Filha de Métabo, ela fora prometida à Diana, deusa da caça, quando criança. Seu pai, no entanto, sendo perseguido por inimigos em meio a uma floresta, amarrou Camila em sua lança e, em seguida, arremessou a arma para a margem oposta do rio. Caso a deusa preservasse a vida de sua filha, ela seria criada para cultuar Diana. Tendo sobrevivido, ela foi educada nas artes da floresta, se transformando em uma caçadora e guerreira distinta.

Com tais habilidades, Camila se destaca por sua liderança no campo de batalha, pois, foi a guerreira que comandou os Volscos e auxiliou Turno nos episódios finais da guerra, lutando com o seu exército na linha de frente para que o líder rútilo pudesse defender as muralhas e atacar a de Eneias. Na batalha, seus talentos beligerantes são evidenciados, sendo a isso dedicada uma considerável parte da narrativa na qual se lista todos os mortos que pereceram pelas suas mãos (*En.* 11.664-698). No entanto, sua morte também ocorreu durante a mesma batalha, quando ela, distraída pelo espólio de ouro, caiu em uma emboscada de Arrunte e foi mortalmente ferida (*En.* 11.759-806).

A figura de Camila pode ser aproximada à Pentesileia, importante figura na guerra de Troia, também mencionada na *Eneida* (1.490-493)³, apresentada com uma rainha amazona e, além disso, filha de Ares. Ao contrário de Pentesileia, porém, Camila é uma personalidade ativa na narrativa, mais envolvida e com lembranças de seu passado. A própria deusa Diana, a quem Camila adorava, contou sua história. A partir dessa narrativa, conhecemos detalhadamente a criação e o núcleo familiar de Camila (*En.* 11.573-580):

³*Ducit Amazonidum lunatis agmina peltis / Penthesilea furens mediisque in milibus ardet, / aurea subnectens exsertae cingula mammae / bellatrix, audetque uiris concurrere uirgo.*

Mal começou a menina a firmar os pezinhos no solo,
 para andar só, as mãozinhas armou com um dardo pontudo
 e pelos ombros passou arco e aljava, brinquedo de criança. 575
 Em vez de capa flutuante ou diadema nos belos cabelos,
 o espólio fero de um tigre as espáduas e o dorso lhe cobre.
 Desde pequena, com a mão delicada, jogava seus dardos,
 e a funda leve do couro torcido girava por cima, 580
 grou estrimônio matando ou cisne alvo de longo pescoço.⁴

Como podemos notar pelo trecho acima, a infância da personagem foi atípica para uma menina, pois, quando o pai de Camila, Metabo, foge dos Volscos, ele implora a Diana, a deusa da caça, que proteja a criança. Portanto, faz sentido buscar experiências relacionadas à caça em suas vidas diárias. No trecho acima, traços tipicamente masculinos, como o domínio de uma arma, se chocam com termos que expressam elegância e, pelos padrões estabelecidos, destacando a sua feminilidade. No entanto, dado o futuro da personagem, os traços considerados masculinos são predominantes, pois, outro fator que contribuiu para sua infância incomum foi a ausência de uma figura materna. Tomados em conjunto, esses aspectos conduzem a um núcleo unifamiliar no qual parece não prevalecer uma hierarquia que limite as figuras femininas a critérios específicos de gênero.

A narrativa apresentada foi publicada no século I a. C. No entanto, as narrativas envolvendo as amazonas são anteriores à cultura greco-romana clássica, havendo a menção de, pelo menos, três tipos de Amazonas, como mostra Thévet (1978, p. 206):

Contam-nos os livros de História que havia três tipos distintos de amazonas, absolutamente idênticas em tudo, salvo quanto aos lugares onde moravam e ao tipo de habitação que usavam. As mais antigas eram as da África, destacando-se entre elas as górgones, cuja rainha foi Medusa. As outras amazonas viviam na Cítia, nas proximidades do Rio Tanais. Foram estas que mais tarde reinaram sobre a parte de Ásia que fica perto do rio Termodonte. E a quarta tribo é a das amazonas americanas, que ora estamos descrevendo.

Em uma das versões, elas aparecem vivendo à margem do mundo conhecido, especificamente a cidade de Temiscira, no Mar Negro (Cítia), de modo que elas lutaram e ganharam inúmeras batalhas, perderam apenas algumas, bem poucas batalhas contra três heróis gregos: Hércules, Teseu e Belerofonte. As cenas dessas batalhas são frequentemente retratadas na arte grega, especialmente em cerâmica e esculturas monumentais, que enfeitaram alguns dos edifícios mais importantes do mundo grego, incluindo o Pártenon em Atenas.

⁴Todas as traduções da *Eneida* são de Carlos Alberto Nunes (VIRGÍLIO, 2014).

Na mitologia, acreditava-se que as amazonas adoravam Ártemis, a deusa da caça, e em seu templo realizavam danças de guerra como forma de adoração, logo, este ritual começou a ser repetido todos os anos no templo de Ártemis, em Éfeso. Além disso, muitos assentamentos na Ásia Menor devem sua criação às amazonas, notadamente Éfeso, Cime, Sinop, Priene, Myrina, Esmirna, e Mitilene em Lesbos. Essas mulheres governam a si próprias, sem recorrer a nenhum homem, exceto para trabalhos servis. São lideradas por uma rainha e seu reino estende-se desde a cordilheira do Cáucaso, Trácia até Cítia meridional (nas planícies da margem esquerda do Danúbio). Segundo Cartwright (2019), as Amazonas eram uma raça de guerreiras conhecidas por sua habilidade equestre, além de corajosas e orgulhosas. De modo que a sociedade das amazonas era considerada, essencialmente, uma sociedade masculina grega invertida e, como tal, elas se envolviam em atividades tradicionalmente dominadas pelos homens, como passeios a cavalo, caça e guerra.

Conhecidas como símbolo de resistência feminina, no treinamento, as amazonas eram conhecidas por sua falta de compaixão com o seu oponente, pois, o seu treinamento específico para a guerra, não permitia que sentissem pena, pois eram criadas para executar qualquer ameaça que pudesse aparecer. De modo que

O mito das Amazonas representaria a época em que o matriarcado reinou na humanidade. Seu declínio, nessa interpretação, pode estar vinculado ao destronamento da divindade suprema feminina e à substituição de um governo de mulheres. O mito também é identificado com a transição do matriarcado para o patriarcado, já que as Amazonas sempre eram vencidas e acabavam domadas. (MATOS, 1998, p. 1055)

Nessa perspectiva, o mito fala de uma época de caos (em oposição à noção de civilização, exercida sobretudo pela predominância masculina), quando se dizia que as mulheres governavam a terra sem justiça ou misericórdia, deixando os homens com medo e submissos, sendo úteis apenas para ajudar na procriação e posteriormente mortos. Segundo Farjado (2015), os mitos ajudam a organizar as práticas cotidianas e fornecem energia para desenvolvê-las, argumentando também que a apropriação do mito da mulher guerreira e o abandono do passado fornecem uma nova base para a elaboração de normas a serem seguidas, isto é, de corroborar a estrutura vigente do homem como civilizador.

Essa mesma ideia de civilização relacionada ao poder masculino pode estar no cerne da representação que é feita das amazonas nas crônicas que retratam o descobrimento do Rio das Amazonas. De certa forma, como mostra Gervásio (2009, p. 2),

Elas representam a alteridade feminina, um poder malévolo e selvagem contra o qual os europeus colonizadores do Novo Mundo querem justificar e legitimar a suposta superioridade masculina e civilizadora. Elas são a metáfora da selvageria e da virgindade do Novo Mundo, algo que sempre fascinou os exploradores. Segundo Simone de Beauvoir (BEAUVOIR, 1980, p. 229), a relação entre as amazonas e o europeu conquistador reproduz uma luta, um jogo entre os sexos, na qual o homem tem o prazer de participar e até deixar-se esmorecer, contudo, ele tem a certeza de dominá-la no final.

Em síntese, André Thévet (1978) e Simone de Beauvoir (1980) apresentam em suas obras o que os mesmos apresentam como maravilhoso e real, no entanto, afirmam que os milagres deveriam desaparecer para garantir a ordem do mundo, seu valor e a sua ordem, visto que, não era plausível lidar com a imagem de mulheres guerreiras que sobreviviam, além de caçar e matar sem qualquer auxílio de um homem, gerando certa estranheza. Com isso, em suas obras, os cronistas supracitados se referiam as guerreiras como mulheres selvagens que participaram de combates contra os europeus, mas ainda sim mulheres que dividem a vida com os homens e são normais.

2 AS AMAZONAS NAS *ARGONÁUTICAS* DE APOLÔNIO DE RODES

Um importante registro poético das amazonas acontece no poema *As Argonáuticas* (escrita por volta de 250 a. C) de Apolônio de Rodes (RODRIGUES JR., 2021), um poeta do século III a. C. que foi bibliotecário de Alexandria e discípulo do importante erudito helenístico, Calímaco de Cirene. *As Argonautas* é um poema épico que trata da viagem dos heróis aqueus que embarcaram na nau Argo em busca de conquistar o Velocino de Ouro na Cólquida, sob a liderança de Jasão⁵. Embora inspirado pelos épicos anteriores, com espírito e linguagem parecidos com os de Homero, o poema destaca-se pela erudição e especialmente por causa de sua exploração do tema do amor.

A narrativa das *Argonáuticas* de Rodes se divide em quatro livros: os dois primeiros relatam o início da viagem, destacando a partida da cidade de Iolcos, na Tessália (Grécia), percorrendo pelo Mar de Mármara até a Cólquida na costa Caucásica do Mar Negro. O terceiro livro abrange acontecimentos relacionados à chegada dos heróis na Cólquida e o quarto e último livro aborda a captura do Velocino de ouro com a ajuda de Medeia e o regresso do herói Jasão e seus navegantes à pátria.

É no primeiro livro em que temos um exemplo de como seria uma sociedade formada apenas por mulheres, que pode ser compreendido como as amazonas. Trata-se do

⁵ Para maiores informações sobre *As Argonáuticas*, ver Caldas (2009).

episódio da ilha de *Lemnos*. Esta ilha possui uma história singular, uma vez que suas habitantes, ciosas de seus companheiros que trouxeram escravas da Trácia para com elas se relacionarem e negligenciando suas esposas, tramaram uma chacina, assassinando todos os homens que conviviam com elas, poupando somente o rei, que foi capturado e colocado dentro de um caixão, e em seguida jogado ao mar à própria sorte. Por conseguinte, sua filha chamada Hipsípile torna-se a soberana dessa população.

Deste modo, as lemnienses se organizaram para conduzir sua sobrevivência em uma sociedade estabelecida exclusivamente por mulheres e se aperfeiçoaram em todos os serviços para garantir-lhes a sua existência, inclusive as funções destinadas ao sexo masculino. Todavia, era essencial aprimorar seus domínios nas artes bélicas, pois havia o receio de uma retaliação acerca dos crimes cometidos.

A todas essas mulheres os rebanhos de bois, vestir
 as brônzeas armas e arar os campos férteis em trigo
 eram atividades mais fáceis que os trabalhos de Atena,
 dos quais antes sempre se ocupavam. No entanto,
 com frequência, fixavam os olhos sobre o vasto mar, 630
 deploravelmente temendo quando os trácios viriam.
 Por isso quando, perto da ilha, viram Argo empurrada por remos,
 logo, todas juntas, saindo dos portões de Mirina,
 espalhavam-se pela praia vestidas com armas hostis,
 semelhantes às tíades comedoras de carne crua, pois diziam 635
 que os trácios haviam chegado. Com elas Hipsípile Toantíade
 vestia as armas do pai. Por conta da incerteza, mantinham-se
 sem voz, tamanho era o pavor que as acometia. (*Arg.* 1.626-638)⁶

Logo, destaca-se que essas mulheres se habituaram melhor à guerra e a lavoura do que aos trabalhos de Atena, estas atividades relacionadas à tecelagem e aos cuidados domésticos, serviços considerados essencialmente femininos na sociedade grega, o que causa uma inversão de valores agregados ao sexo feminino na épica helenística. Ademais, as lemnienses se dedicavam tanto às atividades como guerreiras quanto à lavoura, pois, por mais que estivessem realizando o trabalho de campo, estavam constantemente em alerta para o caso de aparecerem inimigos e assim não serem surpreendidas.

Diante dessa apreensão e constante estado de alerta das habitantes da ilha, Jasão e os navegantes atracam os navios nas terras lideradas pela rainha Hipsípile, o que inicialmente gera um certo temor de que fossem inimigos dispostos a atacar o local. Tal acontecimento demonstra que, além da organização dessas mulheres no âmbito da guerra, é relevante também a sua organização no âmbito da política.

⁶ Todas as traduções das Argonáuticas são de Fernando Rodrigues Júnior (RODRIGUES JR., 2021).

As mulheres lemnenses vinham pela cidade e se sentavam
em assembleia, pois a própria Hipsípila ordenara.
E quando todas, num grande grupo, haviam se reunido, 655
logo, em meio a elas, proferiu um discurso de exortação:
"Ó caras, vamos conceder presentes agradáveis
aos homens, coisas que convêm levar na nau,
provisões e o saboroso vinho, para que sempre permaneçam
fora dos muros e, por necessidade, não nos sigam, 660
descubram com exatidão o ocorrido e se espalhe um funesto
rumor, pois perpetramos um ato terrível. (*Arg.* 1.653-662)

Como forma de demonstração de liderança, a rainha reúne as habitantes para debater acerca dos navegantes, e sugestões vão surgindo, de modo que essa postura se assemelha à estrutura das assembleias gregas, com a diferença de que, na sociedade grega, as mulheres não participavam das decisões, e aqui elas são as protagonistas e únicas participantes.

Dessa forma, o plano inicial consistia em manter os argonautas longe das muralhas da cidade, pois a real intenção era impedir que os argonautas descobrissem sobre as mortes dos homens infiéis que foram assassinados e que antes lá habitavam e, para isso, era necessário oferecer agradados aos viajantes com a finalidade de os manterem afastados das muralhas. Com isso, surge uma nova estratégia, a de convidar aqueles a entrar nos seus leitos, como é sugerido pela anciã Polixo, a qual se levanta com dificuldade, “cambaleando sobre os pés contraídos pela velhice” (v. 669), de certa forma demonstrando o que poderá acontecer com todas elas no futuro, sozinhas, sem homens com os quais possam procriar. Polixo apresenta uma solução distinta: levando em conta que aqueles que as visitam não se tratam dos inimigos da Trácia, ela aponta uma nova proposta que beneficia a convivência na ilha.

Como agrada à própria Hipsípila, enviemos 675
presentes aos estrangeiros, já que é melhor concedê-los.
Mas qual é o vosso plano para garantir a sobrevivência,
caso nos ataque o exército trácio ou algum outro
inimigo, coisas que muitas vezes acontecem entre os homens,
como agora mesmo essa tripulação chega inesperadamente? 680
Mesmo que um dos afortunados nos livre disso, no porvir outros
pesares inumeráveis e superiores à batalha permanecem.
No momento em que as mulheres velhas perecerem
e as mais jovens alcançarem a odiosa velhice estéreis,
como, então, vivereis, infelizes? Acaso em espessos 685
campos vossos bois atrelados vão, por si sós,
puxar por um alqueire o arado que fende a terra
e subitamente, completado um ano, ceifar a espiga?
Na verdade, mesmo que ainda agora eu cause horror
às Ceres, penso que já no ano seguinte a terra 690
terá me coberto e receberei as devidas honras fúnebres,
como é o costume, antes que o pior se aproxime.
Exorto as mais jovens a bem refletir sobre isso. (*Arg.* 1.675-692)

Esta sobrevivência pessoal, inserida num cuidado com o bem-estar coletivo, tem um alcance mais amplo: significará a continuação de uma comunidade, que estava condenada a perecer por ser formada apenas por mulheres. Em consenso na assembleia, a sugestão de Polixo é acatada e Hipsípile, com sua sagacidade, conquista os visitantes com propostas e agradados, com o intuito de que suas súditas superem a incômoda situação que se encontram. Em seguida, são enviados presentes e o convite para que os argonautas desembarquem na ilha. Nesse ínterim, a deusa do amor, Afrodite, entra em cena e suscita em todos (as lemnienses e os argonautas) o desejo amoroso:

Pois Cípris lhes suscitou um doce desejo, 850
 por graça do muito astuto Hefesto, para que Lemno, no futuro,
 fosse novamente habitada por homens e permanecesse intacta.
 Então o Esonida se dirigiu ao palácio real
 de Hipsípile. E também os outros, cada um aonde por acaso
 chegasse, exceto Hércules, pois fora deixado junto à nau 855
 por vontade própria, com poucos companheiros à parte.
 Logo a cidade se alegrava com coros e festas,
 circundada pela fumaça da carne assada. Mais que os outros
 imortais, o glorioso filho de Hera e a própria
 Cípris eram propiciados com cantos e sacrifícios. 860
 Sempre era posposto, dia após dia, o retorno à navegação.
 Por muito tempo eles lá teriam permanecido inativos,
 se Hércules, reunindo os companheiros longe
 das mulheres, não tivesse lhes dito em tom de censura. (*Arg.* 1.850-864)

O trecho revela que o relacionamento entre as lemnienses e os argonautas está intrinsecamente ligado ao erotismo, uma vez que, ao receberem os viajantes em seus leitos, eles passaram aproximadamente o período de um ano na ilha, durante o qual se dispersaram do real objetivo da viagem, e, insuflados pela deusa do amor Afrodite, se entregaram aos prazeres sexuais, e assim elas conseguiram alcançar parcialmente o objetivo que havia sido traçado na assembleia, pois, muitas delas se envolveram com os argonautas, coabitaram e assim geraram novas vidas na ilha. O tripulante Hércules, no entanto, que decidiu não aceitar o convite das lemnienses e, por vontade própria, ficou junto com alguns companheiros no navio, analisou a situação dos argonautas, e criticou veementemente a tripulação questionando a maneira com que cederam facilmente aos prazeres de Afrodite. Após ouvir Hércules, os argonautas retornam para a nau e para o seu curso.

Notamos que, ao longo da narrativa, Apolônio não afirma categoricamente que as habitantes da ilha de Lemnos são amazonas. No entanto, chama a atenção as semelhanças entre as características e a estrutura social formada por elas e as amazonas. Essa questão fica ainda mais evidente se considerarmos que, no final do segundo livro, a nau dos argonautas

passa próximo das terras das amazonas, na qual, no entanto, não aportam, visto que as mulheres guerreiras não reagiriam de forma pacífica, mas sim de forma hostil. Desse modo, podemos conjecturar que as habitantes da ilha de Lemnos constituem um exemplo de como seria a sociedade das Amazonas, a qual não é conhecida pelos argonautas, dado que eles apenas vêm de longe, mas não se aproximam.

Apolônio começa falando que, em outro momento, Hércules emboscou Melanipa, irmã de Hipólita, uma rainha amazona, a qual, em troca do resgate da irmã, concedeu ao herói um cinto, fatos ocorridos no porto que fica no cabo das amazonas, pelo qual os argonautas passam de longe (*Arg.* 2. 964-969)⁷. Em seguida, Apolônio descreve com alguns detalhes as terras das amazonas:

No golfo do cabo eles abordaram perto da embocadura do Termodonte, já que o mar se agitara enquanto avançavam. Nenhum dos rios é a ele semelhante, nem, ao se separar, prossegue por terra em tão numerosos cursos. Faltariam quatro para cem, se alguém contasse cada curso. Mas somente uma é a verdadeira fonte. Ela desce das elevadas montanhas, que alguns dizem serem chamadas amazônicas, rumo à planície e, em seguida, se propaga pela terra escarpada situada adiante. Por isso as rotas são sinuosas, e cada uma serpenteia por um lado de acordo com a baixa planície encontrada, umas longe, outras perto. Muitos regatos não possuem nome no lugar onde desaguam, mas o Termodonte, misturado a poucos, visivelmente desemboca no Mar Inospitaleiro sob o cabo recurvado. (*Arg.* 1.970-984)

Percebamos que, na descrição de Apolônio de Rodes, constata-se a descrição do lugar como único, destacando-se a excepcionalidade do rio que ali deságua, cujos cursos são tão numerosos que causam admiração; assim como as amazonas, as características do rio se constituem em um aspecto selvagem, pois, nenhum outro é semelhante a ele, visto que sua fonte fica nas terras chamadas amazônicas.

Além disso, o território das amazonas era visto como um lugar em que poucos possuíam a coragem de se aventurar, sendo habitado somente por mulheres que estavam a todo o momento preparadas para qualquer sinal de invasão e guerra, as mesmas lutavam com uma coragem e determinação inconfundível, além de utilizarem arco e flecha, com isso, a nau do argonautas resolveu não se aventurar e somente passar de longe pelo lugar, pois:

Caso eles tardassem, teriam entrado em combate 985

⁷No mesmo dia contornaram, / de longe, o cabo das amazonas dotado de um porto, / onde outrora o herói Hércules emboscou Melanipa, / filha de Ares, quando ela caminhava à frente. Como / resgate por sua irmã, Hipólita lhe concedeu o cinturão / faiscante e, após isso, Hércules a devolveu sem danos.

com as amazonas e não lutariam sem derramamento de sangue,
 (pois as amazonas que habitavam a região de Deante
 não eram benévolas, nem respeitavam as leis divinas,
 mas se ocupavam da dolorosa violência e das obras de Ares.
 Pois de fato eram da raça de Ares e da ninfa Harmonia, 990
 que havia gerado a Ares garotas amantes da guerra,
 ao se deitar com ele nas encostas do bosque de Acmão)
 se, oriundos de Zeus, os sopros do Agreste não retornassem
 e, graças ao vento, eles deixaram o cabo circular
 onde as amazonas de Temiscera estavam se armando. 995
 Pois não estavam reunidas numa única cidade, mas moravam
 naquele território divididas em três tribos.
 Numa parte estavam essas mesmas, comandadas
 por Hipólita, noutra parte residiam as licástias
 e noutra parte, por fim, as flecheiras cadésias. (Arg. 1.985-1000)

No trecho acima, ressalta-se que a demora dos argonautas nas terras das amazonas resultaria em derramamento de sangue sem piedade alguma, pois, os mesmos estavam a desafiar com a demora em suas terras sem serem convidados e muito menos sem se apresentarem, logo, eram consideradas uma ameaça.

Ademais, as amazonas que habitavam a região de Deante eram vistas como selvagens e não respeitavam as leis divinas, e por serem descendentes do deus da guerra, Ares, as mesmas estavam sempre preparadas para a guerra, por isso, se ocupavam da violência e aniquilação de qualquer inimigo que ousasse invadir as terras em que as três tribos habitavam. Além disso, a organização da cidade dividida em três tribos permitia que o convívio e treinamento as tornasse em um grupo de mulheres destemidas, que possuíam total domínio de suas terras, assim esse sistema aumentava o poder bélico das amazonas e permitia uma melhor defesa de seus territórios contra ataques de possíveis invasores.

3 AS AMAZONAS NAS NARRATIVAS DO *DESCOBRIMENTO DO RIO DAS AMAZONAS*⁸

Um dos relatos da possível descoberta das mulheres guerreiras na América do Sul foi contado e deixado por Frei Gaspar de Carvajal, um dos religiosos que fazia parte da expedição comandada pelo espanhol Francisco Orellana, o qual saiu de Quito, no Equador com o objetivo de verificar a veracidade da história de que existia o país da Canela a leste de Quito e, principalmente do *El Dorado*, um lugar rico em ouro, do qual pretendiam tomar posse; no entanto, foi a floresta que os dominou.

⁸ O relato dessa expedição está reunido no livro *O descobrimento do Rio das Amazonas* que contém os relatos de Gaspar de Carvajal, Alonso de Rojas e Cristobal de Acuña (CARVAJAL, ROJAS E ACUÑA, 1941).

Devido à falta de suprimentos, a expedição foi forçada a se dividir em duas e a frota que estava sob o comando de Orellana passou a procurar suprimentos ao longo de um rio chamado Coca. No entanto, ele não voltou ao ponto de encontro porque, segundo Frei Gaspar de Carvajal, o rio estava forte demais para retornar.

Frei Gaspar de Carvajal (1541-42), o cronista da viagem, descreveu e reproduziu os relatos de uma tribo cujas mulheres tiveram o seio direito amputado para melhor aproveitamento de seus arcos. Com isso, Carvajal deu-lhes o nome de amazonas, bem como do rio pelo qual estavam trafegando, destacando seus territórios em seus diários de viagem.

Desde o primeiro momento, as notícias recebidas sobre a tribo durante a viagem causaram ansiedade, medo e expectativa diante da aproximação do território das guerreiras. Em síntese, centrado nos desafios de enfrentar florestas equatoriais e rios majestosos, uma paisagem envolvente é criada para a saga de heróis pioneiros, os expedicionários chefiados por Francisco Orellana.

Nessa perspectiva, segundo a narração, um indígena cativo relatou ter estado muitas vezes na terra dessas mulheres, onde havia setenta aldeias, construídas em pedra, com portões, interligados por caminhos, e ainda sentinelas patrulhando as passagens. Segundo Carvajal no seu *Descobrimento do Rio de Orellana* (CARVAJAL, ROJAS E ACUÑA, 1941, p. 30):

Estavam os índios muito atentos, ouvindo o que o Capitão lhes dizia e recomendaram que, se fôssemos ver as amazonas, que chamam na sua língua de *coniupuiara*, que quer dizer grandes senhoras, que víssemos o que fazíamos, porque éramos poucos e elas muitas, e que nos matariam. Que não parássemos em sua terra, porque êles âli nos dariam tudo de que tivéssemos mistér. Disse-lhe o Capitão que não podia fazer outra coisa senão passar de largo, para dar notícia a quem o enviava, que era o seu rei e senhor.

Levando em consideração que o lugar que pretendiam verificar era desconhecido, os expedicionários, por serem visitantes, deveriam ter cuidado com suas ações para que não fossem mortos por serem poucos, e passem longe das terras delas, a fim de evitar um combate do qual eles provavelmente sairiam derrotados. Desse modo, podemos notar que, desde a primeira menção⁹, Carvajal já fala da referida tribo como amazonas, e desde o início é destacado o caráter e poderio bélico dessas mulheres. Aqui já percebemos também uma primeira aproximação com a narrativa das *Argonáuticas* de Apolônio, uma vez que eles não devem navegar muito próximo das amazonas, sob risco de combate.

⁹A primeira menção ocorre, de fato, na página 24, no entanto, não apresenta qualquer detalhamento: “Aqui nos deram notícia das amazonas e das riquezas que há mais abaixo, e quem o fez foi um índio chamado Apária (3), velho que dizia ter estado naquela terra, e também nos deu notícia de outro senhor que estava apartado do rio, metido terra a dentro, e que ele dizia possuir enorme riqueza de ouro.”

Com este aviso em mente, após passarem por diversas províncias e povoações significativamente grandes, os homens da nau recolheram comida à vontade da maneira que podiam e, quando começou a faltar alimento, seguiram até aportarem em uma aldeia de tamanho médio, na qual, ao adentrarem, se surpreenderam com o que viram, pois:

Havia lá uma praça muito grande e no meio da praça um grande pranchão de dez pés em quadro, pintado e esculpido em relevo, figurando uma cidade murada, com a sua cerca e uma porta. Nessa porta havia duas altíssimas torres com as suas janelas, as torres com portas que se defrontavam, cada porta com duas colunas. Toda esta obra era sustentada sobre dois ferocíssimos leões que olhavam para trás, como acautelados um do outro, e a sustinham nos braços e nas garras. Havia no meio desta praça um buraco por onde deitavam, como oferenda ao sol, a chicha¹⁰, que é o vinho que eles bebem, sendo o sol que eles adoram e têm como seu Deus.

Era esse edifício coisa digna de ser vista, admirando-se o Capitão e nós todos ele tão admirável coisa. Perguntou o Capitão a um índio o que era aquilo e que significava naquela praça, e o índio respondeu que eles são súditos e tributários das Amazonas, e que não as forneciam senão de penas de papagaios e guacamaios voações que eles tinham eram daquela maneira, conservando-o ali como lembrança e o adoravam como emblema de sua senhora, que é quem governa toda a terra das ditas mulheres. Encontrou-se também nessa praça uma casa muito pequena, dentro da qual havia muitas vestimentas de plumas de diversas cores, que os índios usavam para celebrar as suas festas e bailar quando se queriam regozijar diante do já referido pranchão, e ali ofereciam seus sacrifícios com a sua danada intenção. (CARVAJAL, ROJAS E ACUÑA, 1941, p. 51-52).

É perceptível o poder e influência das amazonas não só nas suas tribos, mas também na região e em lugares próximos, como fica demonstrado pela grandeza do edifício que os navegantes encontraram na praça, o qual servia pra mostrar o poder das amazonas, e que aqueles indígenas eram súditos e tributários das mesmas. Além disso, cada estrutura do edifício representava a exuberância das Amazonas, além da devoção dos índios por estas mulheres, de modo que realizavam as festas no pranchão vestidos plumas de diversificadas cores e ali ofereciam seus sacrifícios, além de adorarem o emblema de sua senhora que governava a terra das ditas mulheres. Notemos, no entanto, que essa estrutura contém a imagem de leões, um animal do qual não há registros na América do Sul.

Mais adiante, após toda essa adoração sobre o edifício e conhecerem sobre o local e o propósito de eles estarem ali naquela praça, além da admiração sem igual em sua estrutura, os navegantes tiveram a chance de passar por novos lugares e pegarem o que precisavam, mas o percurso foi ficado cada vez mais complexo, pois os índios já não estavam pacíficos e acabavam por guerrear em algum momento do percurso. Ainda assim, iam seguindo o seu caminho de povoado em povoado. Em certo momento, no entanto, ainda nas terras das

¹⁰A chicha é a bebida dos índios dos Andes e ainda hoje muito usada no interior da Argentina, Chile e Bolívia. O seu preparo muito se aproxima do cachiri, ao qual provavelmente se refere Carvajal, embora empregando o termo referente à bebida que era mais sua conhecida.

amazonas, os navegantes buscaram um lugar deleitável para descansar e assim celebrar a festa de São João; porém, dadas as circunstâncias do percurso, na curvatura que o rio fazia, a tripulação deu de encontro com uma tribo de indígenas que já os aguardavam, mas não de maneira pacífica, pelo contrário, rindo e fazendo brincadeiras com eles e afirmando que podiam andar que logo adiante iriam prendê-los e levá-los às amazonas (CARVAJAL, ROJAS E ACUÑA, 1941, p. 59)¹¹. Com isso,

Vendo o perigo em que estávamos, começou o Capitão a animar e a apressar os dos remos para que encalhassem, e os nossos companheiros se lançaram à água que lhes dava pelos peitos. Travou-se aqui mui grande e perigosa batalha, porque os índios andavam misturados com os nossos espanhóis, que se defendiam tão corajosamente, que era uma coisa maravilhosa de ver-se. Andou-se neste combate mais de uma hora, pois os índios não perdiam ânimo, antes parecia que o redobravam, embora vissem mortos a muitos dos seus, e passavam por cima deles, e não faziam senão re-trair-se e tornar a atacar.

Quero que saibam qual o motivo de se defenderem os índios de tal maneira. Hão de saber que eles são súditos e tributários das amazonas, e conhecida a nossa vinda, foram pedir-lhes socorro e vieram dez ou doze. A estas nós as vimos, que andavam combatendo diante de todos os índios como capitãs, e lutavam tão corajosamente que os índios não ousavam mostrar as espáduas, e ao que fugia diante de nós, o matavam a pauladas. Eis a razão por que os índios tanto se defendiam. (CARVAJAL, ROJAS E ACUÑA, 1941, p. 60)

Tendo conhecimento que os navegantes chegariam às terras das amazonas, os indígenas foram pedir-lhes socorro, pois se tratava de uma visita que não era esperada e não fora convidada, por estarem sempre prontas para a guerra, as amazonas atenderam ao chamado lutando bravamente, como capitãs, como destaca Carvajal.

Em seguida, aterrorizado, mas maravilhado, Carvajal descreve as amazonas que participaram desse combate da seguinte forma:

Estas mulheres são muito alvas e altas, com o cabelo muito comprido, entrançado e enrolado na cabeça. São muito membrudas e andam nuas em pelo, tapadas as suas vergonhas, com os seus arcos e flechas nas mãos, fazendo tanta guerra como dez índios. E em verdade houve uma destas mulheres que meteu um palmo de flecha por um dos bergantins, e as outras um pouco menos, de modo que os nossos bergantins pareciam porco espinho. (CARVAJAL, ROJAS E ACUÑA, 1941, p. 60-61)

No relato, a citação da aparência dessas mulheres ocorre com frequência por ser algo que chama a atenção dos espanhóis, sendo brancas e altas, até mesmo sobre as suas vergonhas que estão tapadas, levando a considerar que os trajes que as mesmas utilizadas não era o típico que eles estavam acostumados a ver. Além disso, por serem apenas mulheres, os espanhóis

¹¹“Estavam estes povos já avisados e sabiam da nossa ida, e por isso nos vieram receber no caminho por água, mas não com boa intenção. Chegando perto, como o Capitão os quizesse trazer à paz, começando a falar-lhes e a chamá-los, riram-se eles e faziam burla de nós; aproximavam-se e diziam que andássemos, pois ali abaixo nos esperavam, para prender-nos a todos e levar-nos às amazonas.”

surpreenderam-se por serem guerreiras fortes e ferozes que não eram submissas a homem nenhum.

De modo que, na narrativa, as ações e a sexualidade dos corpos dessas mulheres recebem diferentes significados, muitas vezes negativos e desqualificadores, por exemplo, o fato de elas andarem “nuas”. Oscilando entre a inocência e a naturalidade do corpo nu e a escolha consciente de pecar, visto que, a ocultação do corpo era uma das obsessões do rigor da Reforma, a crônica apresenta uma representação alienada da nudez enfrentada pelas mulheres indígenas, sensualizadas e criticadas, em relação aos distúrbios sexuais. Nesse sentido, em outra passagem, o capitão questiona se elas são casadas e se pariam, o indígena então responde que:

[...] estas índias cohabitam com índios de tempos em tempos, e quando lhes vem aquele desejo, juntam grande porção de gente de guerra e vão fazer guerra a um grande senhor que reside e tem a sua terra junto à destas mulheres, e à força os trazem às suas terras e os têm consigo o tempo que lhes agrada, e depois que se acham prenhas os tornam a mandar para a sua terra sem lhes fazer outro mal; e depois quando vem o tempo de parir, se têm filho o matam e o mandam ao pai; se é filha, a criam com grande solenidade e a educam nas coisas de guerra.[...]

[...] Disse que há uma ordem para, em pondo-se o sol, não fique índio macho em nenhuma destas cidades, devendo sair e ir para as suas terras. Disse mais que muitas províncias de índios que lhes são limítrofes, elas as têm sujeitas e os fazem pagar tributo e que eles as sirvam; e que há outras com as quais vivem em guerra, especialmente com a que já dissemos, e os trazem para ter relações com elas. Disse que estes são altos de corpo e muito brancos, e muito numerosos, e que tudo o que nos referiu, ele viu muitas vezes, como homem que ia e vinha diariamente. (CARVAJAL, ROJAS E ACUÑA, 1941, p. 66-67).

Nas narrações, as amazonas são retratadas como possuidoras de impulsos sexuais desenfreados, insaciáveis e perigosos, pois, para elas, os homens são os objetos e elementos de seus desejos, visto que, elas queriam aumentar a sua própria espécie e, para isso, usavam os homens. Desse modo, as filhas desses encontros se tornariam futuras mulheres que manejavam habilmente as ferramentas de guerra e serviam as pessoas de suas comunidades.

Além disso, é válido ressaltar que, Carvajal explica que a finalidade da maternidade das amazonas, nada mais é que perpetuar a sociedade das mulheres sós e independentes, o que por sua vez, cria estranhezas. Em síntese, o propósito de manter somente as crianças do sexo feminino era exclusivamente para perpetuar a sociedade e manter o poder nas mãos das mulheres, o que por sua vez é visto como algo bárbaro e depravado, pois essas crianças são criadas conforme a tradição que era utilizada pelas mesmas. Também aqui notamos uma semelhança com as habitantes da ilha de Lemnos, para as quais o envolvimento com os homens se restringiam à necessidade de manutenção da sua população.

Durante o combate ocorrido entre os espanhóis e as amazonas, segundo Carvajal, aqueles teriam matado sete ou oito das guerreiras, o que teria feito com que os índios recuassem um pouco da batalha. No entanto, dado que estejam chegando muitos outros guerreiros de aldeias vizinhas, o capitão ordena que retornem para a embarcação e continuem a viagem (CARVAJAL, ROJAS E ACUÑA, 1941, p. 61). Depois que a batalha se encerra, podemos notar a curiosidade do capitão em relação às mulheres guerreiras, por meio de uma série de perguntas que ele faz ao indígena que primeiro tinha falado das amazonas, por meio de quem são apresentadas novas explicações sobre elas, como o fato de serem muitas, possuírem cerca de setenta aldeias (construídas de pedra e portas e não de palha), nas quais ninguém poderia entrar sem pagar tributos, serem dominadas por uma senhora, chamada Conhorí, as quais mantinha sob sua jurisdição, possuírem imensa riqueza em ouro e prata, além de informações sobre as casas que constituem a principal cidade, as roupas com que elas se vestiam e a indicação da terra como fria, onde haveria pouca lenha e que era muito abundante em todas as comidas (CARVAJAL, ROJAS E ACUÑA, 1941, p. 65-68).

Desse modo, cria-se e recria-se um paraíso terrestre na região das amazonas, as mulheres guerreiras. Além de contar a sua riqueza, rodeada por um pequeno Éden frutífero, rico em caça e pesca, e mostra os campos cultivados por uma população produtiva. Isso pode ser explicado pela dificuldade de lidar com o desconhecido, o que leva o narrador a traçar analogias com suas relações já estabelecidas, uma sociedade hierárquica com súditos e damas, uma corte sustentada por vassallos, com guerreiros e sentinelas comandados pela matriarca Conhorí. Na narrativa, é possível identificar que Carvajal descreve e recria algumas das características dessas mulheres, especialmente sua agressividade e autoconfiança, além de capacidade de se autossustentar.

Nesse sentido, as amazonas eram então consideradas mulheres guerreiras, isoladas, selvagens e desobedientes que, além de conquistadoras e possuidoras de “tributários”, pois, eram mulheres dotadas de habilidades na guerra e na política, afinal eram elas que se organizavam sozinhas, sem o auxílio dos homens. Assim, como as mulheres de Lemnos e as amazonas de Apolônio.

Além da descrição das mulheres guerreiras na floresta amazônica, feita pelo cronista Gaspar de Carvajal durante a expedição de Francisco Orellana, outros cronistas da expedição de Pedro Teixeira (1937), reforçam o relato de Carvajal acerca da existência das Amazonas, entre eles estão Alonso de Rojas e Cristobal de Acuña. Os mesmos completam as narrativas do *Descobrimento do Rio das Amazonas*. Em seus relatos, ambos reafirmam a respeito das características físicas, ou seja, dessas mulheres possuírem somente um seio, aspecto inerente

às Amazonas, e a forma como se organizavam para procriar prosseguindo com a sociedade formada por elas. De modo que, segundo o relato de Alonso de Rojas (CARVAJAL, ROJAS E ACUÑA, 1941, p. 111),

Disseram estes índios ao soldado que os entendia, que nas bandas do Norte, aonde iam uma vez por ano, havia umas mulheres, e ficavam com elas dois meses e se dessa união tinham parido filhos, os traziam consigo, e as filhas ficavam com as mães. E que eram umas mulheres que não tinham mais de um seio, muito grandes de corpo, e que diziam que os homens barbados eram seus parentes, e que os levassem ali.

A estas índias chamam comumente Amazonas.

No curto trecho em que Alonso de Rojas fala sobre a tribo de mulheres guerreiras, ele destaca o fato de se relacionarem com os homens apenas por um curto período de tempo, o necessário para a manutenção da sua população. Além disso, as guerreiras são referidas como mulheres que tinham apenas um seio (como pode ser percebido em algumas narrativas da Antiguidade).

Cristobal de Acuña, por sua vez, apenas menciona que ouviu falar da existência de uma tribo de mulheres guerreiras, que se sustentavam sozinhas e que viviam com homens apenas por algum tempo, afirmando que, para falar delas, lança mão do que ouviu, e que averiguou enquanto esteve navegando do rio e todos falam sobre isso, a ponto de ele não duvidar se é verdade (CARVAJAL, ROJAS E ACUÑA, 1941, p. 265-266). O autor, no entanto, não acrescenta outros detalhes, ou informações que confirmem ou neguem a informação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as narrativas tanto as antigas como as dos cronistas europeus, percebemos que os antigos mitos de origem europeia parecem ter sido recuperados e reinterpretados em diversificados contatos, dado que alguns aspectos relacionados à tribo de mulheres guerreiras (como a existência de animais, a respeito dos quais não há nenhum relato no continente), contribui para a ideia de que os cronistas podem estar associando alguma situação que lhes pareceu diferente de suas culturas àquilo que conheciam, como o mito das Amazonas.

Além disso, os viajantes ficam surpresos, estranhos e intrigados com a presença de mulheres associadas a atividades como guerra, caça ou governo. Pois, as mulheres que estão sozinhas, sem maridos, com força, com poder e domínio sobre a selva, um mundo

desconhecido e misterioso, geram respostas ambíguas de fascínio por um lado e alienação e rejeição por outro. Dessa forma, a narrativa reforça que as mulheres não são feitas para o governo e para a guerra, que não sabem organizar o poder, reafirmando a imagem feminina ideal que está distante dessa trajetória de atuação.

É digno de nota também o fato de, nos relatos dos cronistas, alguns fatos seguirem tão de perto a descrição e a narrativa das amazonas encontradas, por exemplo, nas *Argonáuticas*, como o fato de elas exercerem as atividades não só de guerra, mas também política, uma ideia importante, uma vez que nem na Grécia Antiga, nem na sociedade europeia do período das grandes navegações, as mulheres participavam das decisões.

Por outro lado, é válido mencionar ainda a semelhança das descrições geográficas das terras das amazonas, em ambas narrativas, nas quais ambas são apresentadas como um lugar único e envolto em um ambiente paradisíaco. Nesse sentido, destaca-se a menção ao rio de inúmeros cursos, presente tanto nas *Argonáuticas* como nos relatos dos cronistas e na própria geografia do que hoje conhecemos como Rio Amazonas. Uma vez que a descrição de um rio, relacionado às amazonas, com as características exploradas por Apolônio não são comuns na Antiguidade, podemos conjecturar se os cronistas, sobretudo Carvajal, não estaria exatamente com o texto de Apolônio em mente quando descreve a possível tribo de mulheres guerreiras e os seus domínios, sobretudo o imponente rio no qual navegaram.

Em síntese, este artigo possibilitou analisar semelhanças nas características das Amazonas, sendo elas lendárias guerreiras da cultura greco romana, em obras da Antiguidade e nas narrativas do *Descobrimento do Rio das Amazonas*. Além disso, observamos que em ambas as culturas, essas mulheres eram retratadas como símbolo de força e resistência, apesar de serem aspectos incomuns ao sexo feminino. Nessa perspectiva, os objetivos propostos no início desta pesquisa foram todos alcançados, visto que, foi investigado como foram apresentadas as amazonas nessas literaturas, e analisado como funcionava a organização de uma sociedade formada somente por mulheres que seguiam a sua própria lei, além de compreendermos um pouco mais sobre como se sucedeu a nomeação do maior rio do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

CALDAS, Thais Evangelista de Assis. Os Argonautas, de Apolônio de Rodes, e a tradição literária. **CODEX – Revista de Estudos Clássicos**. n. 1, v. 2, p. 86-105, 2009.

CARTWRIGHT, M. (2019, Novembro 14). **As Amazonas [Amazon Women]**. (E. Moniz, Tradutor). *World History Encyclopedia*. Obtido de <https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-10355/as-amazona>

CARVAJAL, Gaspar de; ROJAS, Alonso de; ACUÑA, Cristobal de. **Descobrimientos do Rio das Amazonas**. Traduzidos e anotados por C. de Melo-Leitão. 2.ed. São Paulo: Nacional, 1941.

GERVÁSIO, Eduardo Vieira. **A Lenda das Amazonas no Brasil Colonial: O Discurso Conquistador e Masculino do Europeu**. Anais do SILEL. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

MATOS, Maria Izilda Santos. **Navegando pelo rio das Amazonas: imagens de gênero nas crônicas de viagem**. Actas do quinto congresso de lusitanistas. vol. 2 nº 1. p.1045-1060, 1998.

RODRIGUES JR. Fernando. **Argonáuticas de Apolônio de Rodes**. Organização, tradução, textos e notas de Fernando Rodrigues Júnior. São Paulo: Perspectiva, 2021.

THEVET, André. **As Singularidades da França Antártica**. Tradução de Eugênio amado. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução: Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora 34, 2014.